

# Perspectivas

## *Identidade narrativa da Vida Consagrada em contexto plural*

**Vera Ivanise Bombonato, FSP**



*Religiosa brasileira. Pertenece a la Congregación de las Hermanas Paulinas, es doctora en Teología Dogmática, profesora de Cristología, responsable del área de Teología y miembro del Consejo Editorial de Paulinas Editora. Participa del Equipo de reflexión teológico de la Conferencia de Religiosos de Brasil (CRB) y de la CLAR (ETAP). Es miembro de la Sociedad de Teología y Ciencias de la Religión (SOTER) y autora del libro: Seguimiento de Jesús: un abordaje según la cristología de Jon Sobrino, publicado por Paulinas Editora.*

La fe Cristiana es comprendida contando y recontando el evento que cambió los rumbos de nuestra historia: Jesús Nazareno. La *identidad narrativa* consiste en construir la propia identidad personal, comunitaria e institucional a partir del acto de narrar las respectivas historias, iluminando el presente y proyectando para el futuro. La identidad narrativa se concreta en el seguimiento radical de

Jesús, relacionando e integrando, en la perspectiva bíblica, estabilidad, *cambio*, *discernimiento en la complejidad estructural y nuevos horizontes*.

---

A fé cristã é entendida contando e recontando o evento que mudou os rumos da nossa história: Jesus de Nazaré. A *identidade narrativa* consiste em construir a própria identidade pessoal, comunitária e institucional a partir do ato de narrar as respectivas histórias, iluminando o presente e projetando para o futuro. A identidade narrativa concretiza-se no seguimento radical de Jesus, relacionando e integrando, na perspectiva bíblica, *estabilidade, mudança, discernimento na complexidade estrutural e novos horizontes*.

Uma das grandes preocupações do momento histórico em que vivemos é, sem dúvida, com a chamada “crise de identidade” que atinge indistintamente pessoas, comunidades e instituições. No contexto atual caracterizado pelas visões plurais, o que distingue a Vida Religiosa dos outros modos de viver? O que a caracteriza e a identifica?

Esta crise generalizada não constitui um fato isolado, mas se insere no amplo processo de transformações, rápidas e profundas, que atingem todos os campos do saber e das atividades humanas, abalando os quadros referenciais que até há pouco tempo eram considerados sólidos e intocáveis. De respostas monolíticas e seguras às questões fundamentais que atingem o ser humano em todas as suas dimensões têm-se, hoje, propostas fragmentadas e plurais. Consta-se que, em breve espaço de tempo, alternativas são construídas e desconstruídas de acordo com as circunstâncias e as experiências vividas. Os temas da diversidade, da pluralidade e da subjetividade emergem com força, impulsionados pela globalização e pela cultura da mídia.

Neste contexto, a Vida Religiosa Consagrada, sente-se fortemente atingida e vive uma situação de perplexidade e de mal estar, agravada pelo envelhecimento dos seus membros e pela diminuição das vocações.

Herdeira de uma identidade solidamente construída no passado e que, em confronto com as mudanças atuais, torna-se problemática, sente a ameaça da indefinição e a incerteza diante do futuro que podem comprometer a continuidade do carisma congregacional e das obras apostólicas.

Tomar consciência da complexidade da situação atual e refletir sobre essa questão da crise de identidade da Vida Religiosa Consagrada torna-se mais do que uma necessidade, um imperativo.

## **1. EM BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA**

Quando nos referimos ao conceito de identidade, em geral, pensamos em uma realidade constante e permanente, com contornos definidos que conferem solidez e visibilidade a um determinado sujeito. Tradicionalmente, concebemos identidade como um termo abstrato derivado do adjetivo demonstrativo do latim *idem* (o mesmo) que designa a relação existente entre duas ou mais realidades ou entre dois ou mais conceitos, que, sendo diferentes em alguns aspectos, se assemelham em outros aspectos, os quais congregam e conferem solidez e sentido de pertença.

Desta forma, o conceito de identidade está relacionado com o tema mais amplo da tensão entre a unidade e a multiplicidade, entre semelhanças e diferenças, entre autonomia e submissão, entre individual e comunitário. De acordo com este conceito, a Vida Religiosa (VR), foi forjando sua identidade, enquanto instituição vinculada ao desenvolvimento cultural, eclesial e teológico. Impulsionada pelo modelo católico tridentino, desenvolveu uma identidade forte com predominância

dos aspectos exteriores que a configuram social e visivelmente dentro de uma cultura cristã medieval.

O Concílio Vaticano II desencadeou significativas mudanças na Igreja em relação à sua autocompreensão como instituição e na sua relação com o mundo. Estas mudanças afetaram profundamente a VR, tanto enquanto forma de vida dentro da Igreja, como em seu modo de situar-se diante do mundo.

Na América Latina, a partir de Medellín, o compromisso com a transformação das estruturas geradoras da pobreza e da não-vida, a opção pelo empobrecidos, a inserção nos meios populares, a mística da ação e a revalorização da dimensão social e política da fé cristã passaram a fazer parte do novo marco eclesial, teológico e espiritual. Este novo modo de ser, de exercer a missão e de entender a relação com Deus tem implicações para a Vida Religiosa Consagrada, na sua dupla dinâmica transcendente e imanente.

A mudança de paradigma da VR proposta pelo Concílio Vaticano II e assumida criativamente em Medellín, num primeiro momento, foi recebida com entusiasmo, produzindo abundantes frutos de vida nova.

Entretanto, no momento atual caracterizado pela pós-modernidade, emergem novos problemas e desafios, exi-

gindo nova mudança de paradigma. E a VR, carregando o peso das estruturas e das obras, tropeça na figura histórica assumida ao longo dos séculos, com seu modo próprio de ser, de viver e de se relacionar e vive uma profunda crise de identidade.

Convivendo com essa situação, existem religiosos e religiosas, que guiadas/os pelo Espírito, seguiram e seguem radicalmente os passos de Jesus e são capazes de gestos proféticos até a entrega da vida, na fidelidade e no amor até o fim. É a nossa grande nuvem de testemunhas que iluminam nosso caminhar.

Na VR, hoje, constatamos a existência de um cenário caracterizado por diferentes tendências. Entre elas, podemos lembrar a tendência: de um lado, ao fundamentalismo que busca recuperar as seguranças perdidas; ao tradicionalismo que age como se nada tivesse mudando, apesar de perceber que vivemos um contexto diferente; ao espiritualismo que esquece a dimensão histórica e o mistério da encarnação do Verbo na realidade humana, de outro, a busca constante de uma espiritualidade encarnada e significativa para o contexto atual, o compromisso com a vida onde quer que ela esteja ameaçada.

## 2. TESTEMUNHO CONCRETO E QUALIFICADO

Toda identidade é expressão de uma configuração situada no tempo em constante mutação e no espaço em permanente transformação. Em nossa cultura caracterizada por profundas e rápidas mudanças, o conceito estático de identidade não consegue mais dar conta da realidade. Portanto, é necessário revisitar esse conceito e resignificá-lo. De um conceito de identidade pautado na estabilidade passar a um conceito dinâmico, em construção, na complexidade do mundo atual; identidade construída na relação com o diferente e enriquecida na diversidade cultural e na pluralidade cultural e religiosa.

Em relação à VR percebe-se que, atualmente, sua fisionomia apresenta-se complexa e multifacetária. Diferentes expressões desta forma de vida estão surgindo e, conseqüentemente, diferentes modos de definir sua identidade. A identidade na VR requer um duplo e constante movimento: de volta às raízes bíblicas e de atualização. Cabe-nos, por conseguinte, hoje a urgente tarefa de voltar à radicalidade do seguimento de Jesus e atualizá-lo no contexto presente.

Neste sentido, uma das exigências significativas para a atualização do seguimento de Jesus, hoje, diz respeito ao modo de posicionar-se na sociedade e de relacionar-se com ela. Não é suficiente, em força da missão carismática própria de cada instituto, estar presentes em determinados campos do saber e da atividade humana; é necessário atuar de forma qualificada e profética.

A cultura atual, caracterizada pela multiplicidade das ofertas em todos os campos do saber e da atividade humana, tornou-se extremamente sensível à questão da qualidade e consequentemente, exige profissionalismo. Como conciliar as exigências do seguimento de Jesus com a preparação profissional de modo a tornar significativa nossa presença no mundo?

A vivência do mandamento novo do amor hoje, para ser significativa, requer a doação da própria vida, unida a outro elemento fundamental: o testemunho concreto e qualificado. O fazer quando expressão qualificada do ser em resposta a necessidades concretas, adquire uma surpreendente força de anúncio da Boa-Nova e de transformação. Só assim se realizará o critério identitário de Jesus: *“nisto reconhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros”* (Jo 13,35).

### 3. IDENTIDADE NARRATIVA

Na vida do povo, contar história é fazer memória das pessoas que nos precederam; é reviver e retransmitir vivências de valores. Contar é a forma mais elementar de comunicação. O ato de contar história encerra não apenas uma pedagogia, mas um conjunto de realidades e atitudes que constroem identidades.

Para nós cristãos, a fé cristã é entendida contando e recontando o evento que mudou os rumos da nossa história: Jesus de Nazaré. Confessa-se a fé comunicando um acontecimento. O mesmo acontece no caminho de fé das pessoas: as narrativas da intervenção de Deus na própria vida permitem construir sua identidade em chave de salvação.

Em sintonia com a índole narrativa da fé cristã, alguns teólogos<sup>1</sup>, ancorados no pensamento de Paul Ricoeur<sup>2</sup>, propõem o que chamam de *identidade narrativa*. Este conceito fundamenta-se no princípio que concebe a pessoa como ser essencialmente narrativo, que narra e é narrado; é o resultado de uma série de histórias: de nossos pais e antepassados, de nosso país, de nossa cultura, de nossa religião. *A identidade narrativa*

consiste em construir a própria identidade pessoal, comunitária e institucional a partir do ato de narrar as respectivas histórias, iluminando o presente e projetando para o futuro.

Conceber a identidade como uma narrativa, possibilita considerá-la em uma perspectiva unitária, integrando elementos de certa forma permanentes com os processos dinâmicos e mutáveis. Permite situá-la em sua relação com o tempo e o espaço, o passado e o futuro, a memória e o projeto, a fidelidade e a criatividade.

O conceito de *identidade narrativa* nos ajuda a reconhecer e a valorizar as constantes que podem constituir elementos de identificação e a situá-las no contexto cultural e histórico em que estão inseridas. A *identidade narrativa* tem um caráter dialético, enquanto possibilita o confronto entre os pólos contrários, e dialógico, enquanto estabelece a comunicação entre os diferentes aspectos em questão. Leva a estabelecer uma sadia tensão entre carisma pessoal e congregacional.

A *identidade narrativa* na perspectiva bíblica pode ser expressa em quatro elementos fundamentais: a *Torá* é o elemento estável ou estabelecido; os *profetas* denunciam a necessidade de mudar para permanecer fiel ao projeto original; os *escritos sapienciais* revelam a

complexidade estrutural, a ambigüidade e a contradição, em que é fundamental discernir entre o que continua ter sentido e o que deve ser mudado; a *perspectiva apocalíptica* revela que, quando um horizonte está esgotado, outro completamente novo pode nascer.

*Estabilidade, mudança, discernimento na complexidade e novos horizontes* estão relacionados e integrados na perspectiva bíblica de *identidade narrativa*.

O Novo Testamento está em continuidade com a fé narrativa da tradição veterotestamentária. O cristianismo nasceu confessando sua fé, contando e recontando a história de Jesus e das comunidades primitivas. Os relatos dos evangelhos são frutos de um processo que cresceu e se consolidou, contando e recontando a mensagem, os ensinamentos, a paixão e morte de Jesus de Nazaré, à luz da ressurreição e da experiência do Espírito Santo.

A narração evangélica é o lugar em que se proclama e se compreende a verdadeira identidade de Jesus. Narrar Jesus nos evangelhos não é uma demonstração abstrata, mas a narração da verdade de uma existência transmitida como experiência de fé e como acontecimento salvífico. Os Evangelhos apresentam Jesus pedindo aos outros para narrar sua identidade: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15 e par.)

O projeto de Jesus sintetiza os elementos acima descritos da narrativa bíblica: *estabilidade*, Deus Pai é a rocha firme e estável, ele é fiel e cumpre suas promessas; *mudança*, Jesus propõe a grande mudança que é a conversão do coração; *discernir na complexidade*, Jesus aprende dentro e a partir da realidade e ensina a reconhecer sua complexidade, onde no joio e o trigo crescem justos, por isso, é preciso discernir os sinais dos tempos; novos horizontes, Jesus, na força do Espírito, nos faz vislumbrar *novos horizontes* do projeto do Reino.

A identidade narrativa concretiza-se no seguimento radical de Jesus. Como religiosas/os somos chamadas/os a dar continuidade ao projeto de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, no seu seguimento radical:

Neste momento de crise, de incertezas e inseguranças, a religiosa/o é chamada/o a narrar Deus com a própria vida, com expressões compreensíveis e qualificadas, e desta forma construir a própria identidade pessoal e congregacional. Cabe às congregações e institutos religiosos e a cada religiosa/o, à luz da índole narrativa da fé cristã e em perspectiva cristocêntrica, no seguimento radical de Jesus, a urgente e profética tarefa de:

- *Reencontrar e fortalecer os pontos estáveis* em relação ao projeto pessoal, comunitário, carismático e eclesial, atualizando-os e qualificando-os de modo que se tornem consistentes, significativos e inteligíveis para o ser humano pós-moderno;
- *Mudar*, eliminando os velhos retalhos do modo de ser, de viver e de se relacionar consigo mesmo, com o próximo, com as realidades criadas e com Deus; transformar atitudes e comportamentos que perderam seu significado e ofuscam a beleza da vida, para permanecer fiel ao projeto original;
- *Discernir com sabedoria na complexidade* do momento presente, à luz do Espírito, que nos guia pelos caminhos do Reino; fazer da pluralidade e da diversidade não uma ameaça, mas um caminho que se abre para novas possibilidades;
- Situar-se nos *novos horizontes* emergentes que ampliam a visão, dão sentido e estimulam o caminhar rumo à meta, rodeados pela grande nuvem de testemunhas, deixando de lado o que atrapalha, correndo com perseverança e mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé (cf. Hb 12,1-2).

O Espírito, que age em nós, nos ilumine e nos ajude a narrar, com nossas vidas, o evento Jesus e a construir a nossa identidade, na pluralidade.

## NOTAS

<sup>1</sup> Entre estes teólogos pode-se citar: E. Schillebeeckx na obra *Jesus, a história de um vivente*, São Paulo, Paulus, 2008 e P. Beauchamp na obra *Iniciación a la practica de la teologia* (t.1) Madrid 1984.

<sup>2</sup> Cf. Paul Ricoeur é um dos mais influentes filósofos franceses da segunda metade do século XX.

## REFERÊNCIA

- GESCHÈ, Adolphe, (2000) *O Cristo*. São Paulo, Paulinas.
- HALL, Stuart, (2006) *Identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo, DP&A Editora.
- *Concórdia*, Revista Interdenominacional de Teologia, Nº 285 – 2000, p. 10.
- *Revista de Teologia*, Vol. XVI, Nº 62, Outubro de 1972, p. 10.